



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

Pedro Vaz e Silva

Um conto sobre a criatividade

Brasília  
2017

## Sumário

Era uma vez	4
A metáfora do paladino	6
Em uma linda escola...	9
Havia um professor de artes visuais que não sabia seu papel	9
E uma maneira um tanto quanto difícil de ensinar	13
Mas onde e como fica a percepção e a criatividade dos alunos em meio a tantas adversidades?	15
Ponderações	18
Nosso jovem professor sai em busca de um novo caminho	19
Mas do que se trata essa tal criatividade?	20
O processo criativo	20
O Sketchbook	22
Outras caras, mesma função	23
O ilustrador alemão	24

	3
A façanha da oficina	27
A teoria	28
A prática	29
Remate do ateliê	31
A guerra iminente	34
A provável batalha	35
O Triangulo estratégico	36
Táticas	37
Referências principais	42
Referências complementares	43
Anexo	44

Obs. as imagens não citadas no texto ou sem legendas foram retiradas de sketchbooks antigos do autor.

Um pequeno garoto nascido em Brasília, que desde cedo se interessava pela estética das coisas.

Não que na época ele soubesse o que era isso ou o que significava, mas hoje quando lembra vê que era bem esse seu interesse.

Seus fascínios sempre foram mais visuais do que qualquer outra coisa, números e palavras não o atraíam. Não que esses não sejam visuais, mas o seu interesse nunca foi matemático ou literário, e sim pictórico.

Quando criança, foi com os pais a uma exposição sobre desenhos, de várias crianças de séries diferentes, incluindo um desenho que ele havia feito. Foi divertido! Sempre amou desenhar e pintar, mas sua grande paixão mesmo eram as revistinhas de colorir. O vermelho era sempre o primeiro lápis a acabar, e então a solução era comprar uma nova caixa, para que ele tivesse seu vermelho novamente. O resultado disso? Milhões de lápis de outras cores, muitas vezes repetidas, nunca usados e que se multiplicavam.

Ainda quando pequeno, pensou em ser veterinário, sonho da maioria das crianças que gostam de animais.

Mas o pensamento foi mudando e seu gosto pela aparência das coisas foi o direcionando para a publicidade. Ama ver as propagandas, refletir sobre as mesmas e construir outras possibilidades. Nunca sofreu pressão para fazer Direito ou Medicina, o que é um clássico. Sua mãe sempre foi bem tranquila quanto a isso.

Desde sempre teve um ótimo relacionamento com seus professores de artes, elas eram sempre lindas, curiosamente eram todas mulheres até o ensino médio, onde foi ter seu primeiro professor de artes. E foi aí, no 1º ano do ensino médio, que a vontade de ser professor aflorou nele, por conta desse professor muito incrível, com quem inclusive estagiaria mais tarde, o jeito dele de ensinar o encantou, fazendo-o querer ser como ele.

Hoje o garotinho cresceu, já tem uma graduação como tecnólogo em Fotografia, e atualmente cursa Licenciatura em Artes Plásticas, como havia imaginado em seu ensino médio. O que ele não imaginaria era o que iria encontrar em sua jornada, sua visão como aluno era uma, mas agora como um aluno que estuda para ser professor sua visão é diferente. Isso porque ele sabe como é de um lado (aluno) mas ainda não tem uma visão completa do outro lado (professor), resta a ele ter uma visão romântica das coisas, o que faz com que questione cada vez mais o que está acontecendo no ambiente escolar. **Por que as crianças hoje estão se tornando menos criativas? O que acontece no sistema de ensino e no ensino das artes visuais? Como a mediação do professor de artes visuais alimenta a percepção criativa do aluno?**

A grande questão aqui, que aflige o garotinho, é o que ele pode fazer para mudar tudo isso? Creio que tudo tenha acontecido lá entre suas aulas da graduação, possivelmente ali por volta da psicologia da educação e a didática. Ali foi plantada uma sementinha, sementinha essa que brotou com força e esperança, mas que sofreu por maus bocados entre os estágios supervisionados. Então agora cabe a ele descobrir como cuidar dessa plantinha, que é a vontade e o prazer de ensinar, e quem sabe mudar a vida de alguns jovens, assim como a dele que foi mudada há alguns anos atrás.



## A metáfora do paladino

Para continuar a narrar essa história opto por ludificar<sup>1</sup> minha escrita.

Bem como na vida, adoro o fato de poder explicar as coisas através de metáforas, e refletindo sobre todo meu percurso acadêmico, uma verdadeira jornada, baseei-me em uma figura que lembrei ter como característica principal o fato de sempre estar em uma jornada, o paladino.

Paladino é um cavaleiro errante da Idade Média que vagava em busca de façanhas que lhe comprovassem o valor e a correção. Ideia essa que cabe perfeitamente em uma vida universitária.



Foi lembrando e memorando sobre minha jornada universitária que tive esse insight. Estava a fazer isso para tentar achar a raiz do desejo, saber de onde surgiu essa grande vontade de ensinar, e todas as ideias em torno disso. Então percebi que tal qual um paladino estou vagando em busca de conhecimento. Minto, não é uma busca de conhecimento, temo não estar sabendo me explicar. Talvez por ser algo um tanto quanto abstrato essa ideia.

Vamos então tentar desbastá-la. O que quis dizer com não estar em busca de conhecimento, é sobre não estar em busca de um conhecimento específico. Bem, não logo de início. Até porque em minha cabeça as coisas costumam mudar com frequência e muitas vezes com grande velocidade. Então eu não tinha uma pesquisa específica.

---

<sup>1</sup>Tornar lúdico ou semelhante a um jogo.

É então que surge a grande questão da jornada: É nela em que as coisas acontecem, surgem empecilhos, bifurcações na estrada, mal tempo, monstros e criaturas pelo caminho. O que quero dizer com isso? Que minha jornada não foi minuciosamente planejada, e mesmo que tivesse sido, imprevistos acontecem.

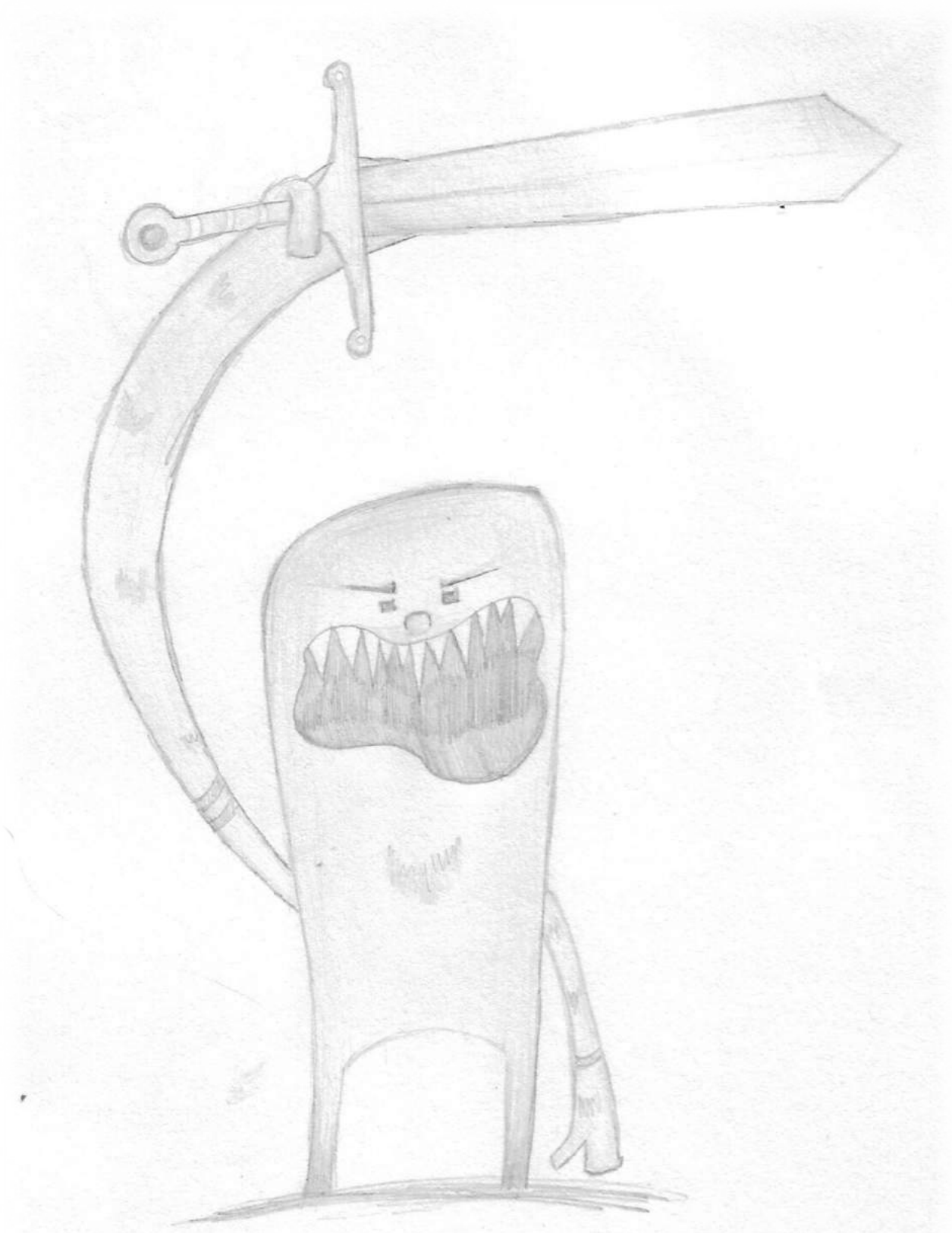
Esse rodeio todo foi uma introdução a minha trajetória. Tentar-irei agora resumí-la. Desde o início do curso tive essa vontade de ser professor, de ensinar, porém não sabia direito que tipo de professor pretendia ser, e muito menos como ensinar, por serem questões muito sensíveis. E foi nessa jornada de curso que descobri qual professor quero ser. Desde então esboço em minha mente isso.

Quando digo jornada e caminhos, me refiro á disciplinas e professores. Pois um efeito muito curioso que acontece nas universidades é que muitas vezes matérias incríveis são “destruídas” por péssimos professores, bom, talvez não péssimos professores, mas professores não tão incríveis assim. Bem como matérias que não parecem ser tão interessantes, se potencializam em boas mãos.

Tive extraordinárias experiências em algumas disciplinas, bem como algumas que ainda me assombram. Mas como *há males que vem para o bem*, pelo menos ampliou meu repertório de como não ser e ensinar. Mas aqui quero destacar as matérias que me engrandeceram, e os professores que por bem ou por mal ajudaram na jornada.

Uma das primeiras disciplinas de grande impacto que tive foi a de Psicologia da Educação, a primeira que cursei na Faculdade de Educação. Até então eu não tinha muito entusiasmo por matérias teóricas, não sei se pelas péssimas experiências ou se pelo meu gosto mais pictórico e pela prática. Porém a professora fez com que isso mudasse consideravelmente. Discutimos ao longo do semestre sobre teóricos, diferentes e as diferenças sobre escolas e métodos de ensino, e tudo aquilo foi crescendo com grande velocidade dentro de mim. Nomes como Vygotsky, Weber, Wallon e Carl Roger, fizeram com que minhas crenças mudassem. Esse último autor principalmente; a visão que Roger tem sobre o ensino me enche de alegria e esperança.

Outras disciplinas também foram de grande valia no percurso, tais quais Didática, Fundamento Desenvolvimento e Aprendizagem. Outra que me marcou tanto quanto Psicologia da Educação, foi a Psicologia da Criatividade. Pois ali tiveram início grandes ideias, bem como o amadurecimento de outras, por exemplo a questão central deste trabalho: como se ensinar criatividade?





## Em uma linda escola...

Em minha paladina jornada, tive outras disciplinas, como por exemplo os estágios supervisionados. Nesses pude visualizar e vivenciar tudo aquilo que estava pesquisando. E de um lugar um tanto quanto privilegiado, o de observador, que não esta diretamente ligado a ação.

Ao mesmo tempo que eu era aluno, não era como os alunos que ali estavam, e ao mesmo tempo que eu não era o professor, estou estudando para ser um. Estava ali no limbo, um aluno que não é aluno e um professor que não é professor.

Então cumprindo minha missão, pude perfeitamente observar tudo que acontecia, dentro e fora de sala. Como era a relação professor-aluno, aluno-aluno entre outras. Foi então que detectei.

## Havia um professor de artes visuais que não sabia seu papel

### professor

/ô/

substantivo masculino

1. aquele que professa uma crença, uma religião.
2. aquele que ensina, ministra aulas (em escola, colégio, universidade, curso ou particularmente); mestre.  
"p. de matemática"
3. *fig.* indivíduo muito versado ou perito em (alguma coisa).
4. *adjetivo*  
que professa; proficiente.

Origem

○ ETIM lat. *professor,ōris* 'o que se dedica a'

“Aquele que detém o conhecimento” “aquele que ensina”, o conceito de professor é provavelmente um dos mais “fáceis” ou um dos mais difundidos. Do Latim “o que se dedica a”, professor sendo aquele que se dedica a ensinar chega a ser quase poético.

Há quem diga que é a profissão mais importante, já que todas as outras dependem dela. Mas será que o papel do professor é, ou continua tão evidente? Ou há algo a mais?

Os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas são também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos; que os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos (Nóvoa, 1991, p67).

Segundo Nóvoa, os professores são mais que consumidores, e não apenas executores ou apenas técnicos. Essa função hora tão superficial, na visão do senso comum, vem mudando conforme sua ressignificação ao longo do tempo.

Creio que uma questão pertinente ao processo de ser professor ou se de tornar professor, tenha relação com o pensamento da sociedade. Como se tornar um professor, e como exercer uma função em constante evolução?

É no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor; ou seja, o aprendizado da profissão a partir de seu exercício possibilita configurar como vai sendo constituído o processo de aprender a ensinar. Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente (Guarnieri, 2000, p5).

A resposta encontrada na fala de Guarnieri é extremamente satisfatória. É aquele velho ditado: “é fazendo que se aprende”. Ser professor não é uma profissão expressamente teórica. Precisamos sim, e muito da parte prática propriamente dita. É na sala de aula que aprendemos como ser de fato professores, é no convívio com o contexto escolar que realmente vamos entender o que precisa para essa difícil função, não creio que difícil seja a palavra correta, mas essa função tão fundamental a sociedade.

É no início da carreira (de 1 a 5 anos) que os professores acumulam, ao que parece, sua experiência fundamental. A aprendizagem rápida tem valor de confirmação: mergulhados na prática, tendo que aprender fazendo, os professores devem provar a si próprios e aos outros que são capazes de ensinar (Tardif, 2002, p51).

Tardif não poderia ser mais feliz em sua definição de como ser professor. Ter que aprender fazendo é a grande realidade dessa profissão.

Na universidade, seus professores nunca irão te ensinar o que está por vir em sala de aula, eles nem poderiam, já que esse conceito de sala de aula e os alunos mudam conforme seu contexto escolar, realidade social. Aprende-se verdadeiramente

a ser professor no exercício da profissão, e logo no início da carreira como diz Tardif.

Mas essa visão utópica e romântica da profissão não é a realidade que encontramos atualmente no cenário escolar, Tardif define bem o que realmente ocorre.



Embora não se possa falar de unanimidade entre os autores que defendem a teoria da proletarização de professores, a tese básica dessa posição é a consideração de que os docentes, enquanto categoria, sofreram ou estão sofrendo uma transformação, tanto nas características de suas condições de trabalho como nas tarefas que realizam, que os aproxima cada vez mais das condições e interesses da classe operária (Tardif, p33).

A proletarização dos professores vem sendo, em minha opinião, o grande mal da profissão. Por conta disso o ofício, “ser professor” tem sido visto com maus olhos. O que era para ocorrer exatamente ao contrário.

Presenciei isso em minha jornada durante os estágios supervisionados. Professores extremamente cansados e sobrecarregados de responsabilidades. Novamente a universidade não nos ensina o que encontrar na sala de aula, e muito menos no contexto escolar, entre professor-secretaria, professor-direção. Essa é uma realidade que infelizmente temos de vivenciar para compreender. Encontro respaldo para tais questões em Giroux.

Tendência de reduzir os professores ao status de técnicos especializados dentro da burocracia escolar, cuja função, então, torna-se administrar e implementar programas curriculares, mais do que desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos (Giroux, 1997, p158).

Ele em seu texto nos traz uma visão ainda mais terrível da realidade, a redução da profissão é algo lastimável. Estuda-se tanto tempo, planeja-se ainda mais, para na hora o que realmente se precisa é de um reproduzidor de conteúdo, um mero funcionário que deposite, ou despeje conhecimento nos alunos. E o que mais me aterroriza é que já se passaram 20 anos, e a fala dele continua atual.

Para além de saber a matéria que lecciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e efetivo dos alunos, da integração social e da educação

sexual (Tardif, p100).

Em contrapartida, a redução de função segundo Giroux, Tardif apresenta o super aumento de função encontrada pelo professor no contexto escolar. Não se quer mais apenas o profissional de reprodução de conhecimento, mas sim alguém com total domínio em diversas áreas.

Em meio a tantas coisas ruins acerca da profissão, encontro em Pimentel (1999) um certo conforto, ainda mais que sua fala é direcionada ao educador em artes, esse respiro, em meio a tanto sufoco, é refrescante e encorajador.

Estudantes e professores precisam ser estimulados a manter sua paixão pela arte e pelo ensino, a utilizar suas próprias idéias e a desenvolver conhecimentos, entendimento, criatividade e habilidades em equilíbrio. Como educadores em arte, eles precisam se desenvolver como indivíduos e profissionais, a fim de, por um lado, desenvolver pontos de vista maduros e coerentes, e, por outro, aceitar desafios e promover a causa da educação em arte. (Pimentel 1999, p. 131)

Creio que esse equilíbrio seja fundamental para a sobrevivência do professor.

A grande questão é: Como conseguir esse tão desejado status? Seria mesmo de grande satisfação conseguir desenvolver os conhecimentos e a criatividade dos alunos, assim bem como suas habilidades no campo das artes. A questão é como?



## É uma matéria um tanto quanto difícil de ensinar

A iniciar pela definição de arte. Se tem uma coisa que pude constatar no curso de artes, é que essa não possui uma definição. Agora, se é complexo definí-la, imagina explicá-la. Me parece um tanto quanto difícil a missão de ensinar algo que ao menos não tenha uma definição.

O conceito de artes e sua abrangência no campo das artes visuais vem mudando ao longo da história, a questão do status de obra de arte, o público, os artistas. O que tem ocorrido nas últimas décadas.

Penso que o mesmo deve acontecer no âmbito do ensino de artes visuais, caso contrário, como pensar nas mudanças significativas que o ensino de arte pode promover a partir de diferentes direcionamentos conceituais e teóricos? Nesse caminho, Dias, nos mostra a realidade com que temos que lidar.

Muitos teóricos da História da Arte, Artes Visuais, Sociologia, Psicologia, Semiótica, Publicidade, Informática, Cinema, Design vem utilizado o termo cultura visual com a intenção de incluir num conceito comum todas as realidades visuais, as visualidades, sejam elas quais forem, que afetam os sujeitos em seu cotidiano. É o mundo das imagens que expressam e definem nossa forma de pensar e viver, que vai bem além das categorias da história da arte tradicional e que já não pode ser estudado com os mesmos conceitos que antes eram utilizados, como por exemplo, para a pintura, a escultura e arquitetura. (Dias, 2011, p50)

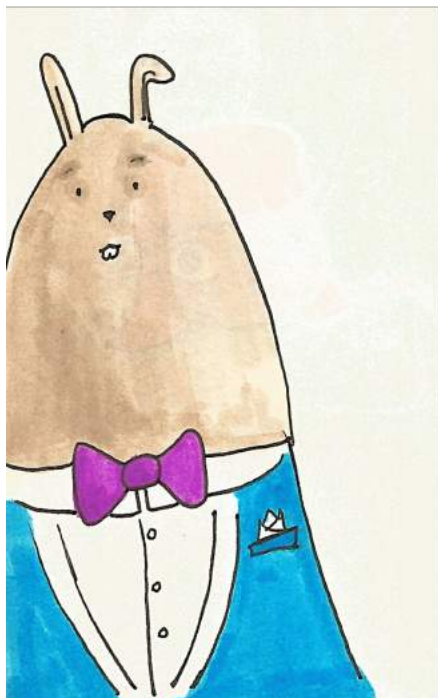
De acordo com Dias, o próprio termo cultura visual surge com a intenção de incluir diferentes possibilidades acerca das visualidades cotidianas. Nesse caso, observo que muitos alunos estão imersos em um mundo, onde a visualidade anuncia sentidos e significados para o que conhecemos hoje como cultura visual. Essa surge como um desafio para o campo da educação em artes visuais, sobretudo, quando nos interrogamos sobre a nossa função de professor perante essa realidade. Mas como desenvolver a sensibilidade e/ou olhar de um aluno? Ou mesmo como ajudar o aluno a potencializar sua percepção criativa?

Encontro no pensamento de Richter uma perspectiva que pode apresentar pistas de como devemos significar a arte.

De um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo, de experiência estética. Somente dessa forma é possível combater os conceitos de arte oriundos da visão das artes visuais como “belas-artes”, “arte erudita” ou “arte maior”, em contraposição à idéia de “artes menores” ou “artes populares” (Richter, 2003, p24).

Percebo que a necessidade de um novo modo de ensinar artes não é uma questão nova, Richter nos fala para não nos fecharmos em um mundinho estrito, que escolhe apenas a história, e a história clássica. Como estagiário, observo hoje em sala de aula, do ensino médio, que há apenas uma suscetível reprodução de conteúdos históricos. Minha interpretação dos autores, é que devemos usar diversos estilos de artes e suas visibilidades, como por exemplo o cinema, as propagandas, o artesanato, para assim, quem sabe, conseguir algum progresso nessa “nova fórmula” para o professor de artes. Mas será que é possível uma nova perspectiva metodológica? E se for, será que é possível o sucesso em reproduzi-la?

Creio que não há uma fórmula pronta. Cabe ao professor conhecer melhor seus alunos, e com isso mediar a melhor forma de ensino. Não devemos acreditar e nos contentar com fórmulas prontas, elas não resolvem o problema. Mas pistas para o ensino da arte sim, nem que em “pequenas pílulas”, assim o professor saberia a “dosagem certa” para usar em cada aluno, em cada turma, em cada contexto escolar.



## Mas onde e como fica a percepção e a criatividade dos alunos em meio a tantas adversidades?

Estudando o conceito, observa-se que a percepção é o ato de aprender por meio dos sentidos. É então, para o educador em arte uma grande, e fundamental ferramenta, para o ensino de sua matéria.

Conjunto a percepção temos a sensibilidade. Nesse aspecto entendo que o pensamento de Larrosa apresenta uma bela definição, ou instrução para compreender que a percepção se assimila a sensibilidade, pois explicita o processo de sensibilidade.

parar para pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa 2004, p160)

E ele continua desta vez tratando do oposto.

aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex- põe. É incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere. (Larrosa, 2004, p161)

Na minha opinião, o pensamento de Larrosa é refrescante, e nos faz refletir sobre a percepção e o ensino de arte.

Já nos quesitos sala de aula e educar a percepção do aluno para a arte, Barbosa (1998) nos traz uma importante questão.

temos que procurar conhecer estética para estarmos preparados para os questionamentos estéticos que necessariamente surgem no processo de nossos alunos entenderem e conhecerem arte, quer seja fazendo arte ou interpretando obras de arte. Neste sentido, a estética tem um enorme potencial esclarecedor e estimulador do questionamento reflexivo, matéria-prima da filosofia da qual a estética é uma subdivisão ou filial.(Barbosa, 1998, p41)

É importante porque a estética está ligada ao campo da visibilidade e essa, por sua vez ao campo da percepção. Com isso ao analisar, decifrar e entender a aparência, forma, textura, cor e outros elementos presente em seu cotidiano, o aluno está aumentando e aguçando sua percepção.

O ensino da percepção é de extrema importância como diz Barbosa, mas não somente o ele. Também devemos entender:

a própria experiência estética do professor [é] elemento definitivo da experiência estética do aluno. A exposição do adolescente e da criança à arte na escola depende da escolha do professor. A experiência estética pode ser mais ou menos significativa e valiosa em função desta escolha. O professor de arte precisa conhecer estética para, pelo menos, saber o que escolher. (Barbosa,1988, p42)

Devemos nos atentar a isso. Somos reflexos para nossos alunos. Um professor de arte que não mostra arte, para mim pode estar “pisando na bola” em alguns pontos. Em minha jornada, durante um dos estágios supervisionados, me deparei com uma grande decepção. Professores que não mostram imagens, ou que esperam que os alunos já as conheçam, na minha opinião, é um tanto quando não aceitável. Se o ensino é de artes visuais, ao meu ver, a visualidade é elementar.

Não há o dado absoluto e não se pode ter uma única visão, uma só leitura, mas se deseja lançar múltiplos olhares sobre um mesmo objeto. Poder transitar por abordagens diversas ou inter-relacionar possibilidades de leitura é algo complexo que exige algum tempo, muito estudo, muita sensibilidade e a coragem de criar hipóteses e de testá-las. (Pillar, 1999, p16-17)

Relacionando os pensamentos de Barbosa e Pillar, vemos que não há uma só leitura presente no contexto do cotidiano tanto de professores, quanto de alunos. Entendo que os alunos são reflexos da postura docente. Cabe então ao professor o papel de mediador, fazendo com que cada aluno tenha sua própria percepção acerca das questões contidas na vida social, cultural, etc. Não fazendo apenas com que eles reproduzam nossas ideias, e sim que tenham suas próprias percepções e reflexões.

Não devemos mais ensinar somente a procurar a solução dos problemas novos em função das soluções encontradas, mas habituar o sujeito a surpreender-se e a inventar novas soluções (Mialaret)



No que tange á criatividade, creio que não estamos preparados para ensiná-la, até porque, como se ensina criatividade? Na visão de Torrance essa questão surge com seguinte posicionamento.

a criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas no conhecimento e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses – possivelmente modificando-as – e a comunicar os resultados (Torrance, 1970)

Segundo o autor, não há uma definição única para a palavra. A criatividade é então um modo, como pensamos e/ou fazemos as coisas, assim sendo torna mais fácil, ou viável, seu ensinamento. Já que sensibilizar visualmente o aluno é, na minha opinião, um papel fundamental para o educador em artes. Creio, inclusive, que não exclusivamente ao professor de artes, mas de todo professor em si, pois há como ser criativo em diferentes campos do conhecimento. Ainda na fala de Torrance, devemos ensinar, ou sensibilizar o aluno para que possa viabilizar soluções.

Quando estudamos criatividade, podemos esbarrar na questão do talento, questão essa que muitas vezes pode bloquear a criatividade do aluno, que pode achar que não tem dons para determinado assunto. Mas o talento não é uma predisposição, e sim uma facilidade com que o indivíduo lida com determinada questão. Clark e Zimmerman (1992, p5) nos traz uma definição interessante sobre o tema.

A verdadeira definição de talento em um sentido filosófico garantiria discussões significativas e argumentos sobre as capacidades dos alunos. Também estamos cientes de que os talentos em artes visuais se manifestam de várias maneiras e formas. Eles podem se manifestar em processos ou em potencial, bem como em desempenho ou produtos, e também são evidenciadas na expressão criativa, habilidades para resolver problemas, capacidade de produzir produtos semelhantes ao adulto, ou características de personalidade e valores.

Ele diz que o talento pode se manifestar em uma expressão criativa, e não que uma expressão criativa depende de um talento específico. Assim como traz, que há diversas formas de talento, não podemos nos limitar ou limitar nossos alunos há essa questão, de que só é criativo quem tem talento, ou vice e versa.



## Ponderações

Creio que a essência do ensino em arte se perdeu. Os tempos mudaram e com isso o modo de ensinar também.

Á meu ver, os professores de hoje em dia já não são os mesmos de alguns anos atrás. A enorme burocracia que a escola, ou melhor, instituição de ensino se tornou, faz com que todo o meio se desgaste. Presenciei algo até no processo para começar o estágio supervisionado, a quantidade de papéis, de assinaturas e carimbos é exaustiva.

O que encontrei foram professores cansados e alunos que refletem este cansaço. Isso sem falar na metodologia de ensino da arte que vem sido aplicada. Essa metodologia tradicional, que faz com que nossos alunos apenas reproduzam conhecimento, é de longe arcaica. Ao meu ver os alunos não precisam apenas de teoria, ainda mais no campo artístico. O que conta para vida são as experiências que se vive, e as que se vive no ambiente escolar, afinal, é onde passamos uma grande parte de nossas vidas, que compreende o período da infância até á adolescência.

Creio que a grande incumbência do nosso paladino agora, e para onde sua jornada deve rumar, é alcançar a resposta da questão: **Como se deve ensinar arte e tornar os alunos mais criativos?** Não pensando, é claro, em um molde fixo e engessado, pois esse com o tempo pode vir a estagnar. Penso em método vivo, que possa se encaixar ás necessidades de alunos e professores. Quero imaginar as inúmeras possibilidades que esse dever pode reservar. Quero que os alunos possam ter sua criatividade desenvolvida, principalmente na área artística, e quero que as aulas de artes tenham novamente o brilho que eu via nelas.

Em um momento de clareza, vi a possibilidade de reproduzir um experimento similar ao que ocorre no filme “Escritores da Liberdade” de Richard LaGravenese, quando a professora Gruwell propõe á seus alunos que escrevam diários, assim criando neles o hábito de escrever, o qual se desenvolve ao passar do tempo. Creio que a mesma estratégia, com seus devidos ajustes, também poderia obter sucesso no meio artístico. Estes ajustes seriam sobre os exercícios a serem propostos. A

professora Gruwell propõe que os alunos escrevam, já no meio artístico pode se pedir que os alunos criem, desenhem, esboquem...

Sei que descobrir o melhor modo de se ensinar arte, ou como se deve fazer, é ter uma visão muito romântica do mundo. Mas também a vejo como necessária, caso contrário o que vai ocorrer é um efeito cíclico da metodologia existente “ensinarei assim porque foi assim que me ensinaram”.



Nosso jovem professor sai em busca de um novo caminho

Inquietado pelas questões levantadas e por sua nova incumbência, nosso paladino segue sua atividade acadêmica. Alimentado por seu interesse à então incógnita criatividade, cursou uma matéria que acreditava ele poder sanar suas dúvidas (como se ele bem soubesse que isso não ocorre completamente no âmbito acadêmico). O que ele conseguiu foi apenas mais dúvidas e inquietações, porém uma certeza: aquele era de fato o caminho. A criatividade é de fato seu maior interesse.

## Mas do que se trata essa tal criatividade?

Do mesmo modo que a pergunta “o que é arte?” aterroriza nosso paladino tal qual ou até mais que um enorme dragão invisível, a pergunta “o que é criatividade?” parece não ter uma possível solução ou resposta.

Porém como de costume, procuro em dicionários, e suas definições parecem um tanto quanto satisfatórias, a de criatividade é:

### criatividade

*substantivo feminino*

1. qualidade ou característica de quem ou do que é criativo.
2. inventividade, inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar, quer no campo artístico, quer no científico, esportivo etc.
3. *ling* capacidade que tem o falante de produzir e compreender um número imenso de enunciados, mesmo aqueles que não tinham sido por ele ouvidos ou pronunciados anteriormente [Decorre da competência linguística, que é o conhecimento intuitivo que todo falante possui dos princípios e regras da sua língua.].

Bem, aqui vemos algo bem interessante sobre essa tal criatividade. “quer no campo artístico, quer no científico, esportivo etc”, ela não está em apenas um âmbito, embora normalmente se veja criatividade como sinônimo de arte, ela é muito mais do que isso. “inventividade, inteligência (...) adquiridos, para criar, inventar, inovar” ela pode ser aplicada em qualquer ramo, cargo ou necessidade que o indivíduo tenha.

## O processor criativo

Talvez tão importante ou até um tanto mais que o que é a criatividade, na lista de prioridades está o processo criativo.

O que seria esse “processo criativo”? Como realizá-lo? Como ser de fato criativo?

Embora essa última pergunta seja quase como uma Hidra<sup>2</sup>, as duas primeiras são mais fáceis de se explicar.

Muitos já pesquisaram esse fenômeno chamado processo criativo, ou processo de criação. Como o nome já explicita, se trata de um processo, um meio para se criar algo.

---

<sup>2</sup> Hidra é um mostro mitológico com corpo de dragão e três cabeças de serpente, quando uma delas era cortada, nasciam duas no lugar.

Graham Wallas conta em seu livro ' A arte do Pensamento ', sobre quatro estágios que podem ser observados a cerca do processo:

- ✓ a Preparação
- ✓ a Incubação
- ✓ a Iluminação
- ✓ a Verificação



Bem, dessa forma o **processo criativo** se daria da seguinte maneira: primeiro se tem uma curiosidade ou questão a se resolver, logo em seguida como expressa Keller (1976:63), o criador lê, anota, discute, indaga, colecciona, explora, propõe possíveis soluções e pondera suas forcas e fraquezas”.

Então ocorre o **processo de incubação**, esse se dá de forma inconsciente. Toda sua pesquisa fica dentro da sua mente e você segue sua vida normalmente, com seus afazeres e milhares de outros pensamentos.

Até que entra em ação o **momento da iluminação**, aquele momento em que tudo o que estava inconsciente vem à tona e se acha a solução do problema, é a hora de fazer como Arquimedes<sup>3</sup> e sair por aí gritando eureka<sup>4</sup>! Esse momento é de grande satisfação para quem o teve. Ali você finalmente acha a chave para solucionar seu problema ou questão (fato esse que inclusive ocorreu na concepção deste trabalho).

Em seguida é chegada a hora de verificar, ver se de fato a chave se encaixa na fechadura. Se realmente foi sanada a questão.

Me debrucei então sobre esse tal processo criativo. Como o transportar para sala de aula? Como fazê-lo acontecer? E como ajudar os alunos a deixar fluir á sua criatividade?

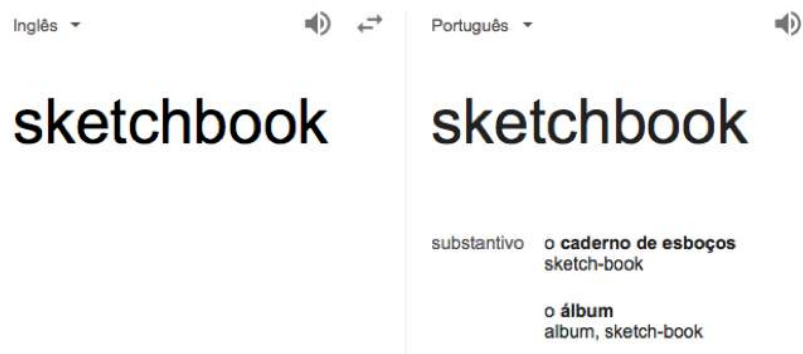
---

<sup>3</sup>Arquimedes de Siracusa era matemático, grego que apos vislumbrar uma solução para um problema que estava tendo, para saber quanto de ouro havia na coroa do rei, sai correndo pelado pelas ruas gritando eureka.

<sup>4</sup> A palavra gritada por Arquimedes em grego que dizer “descobri” ou “encontrei”

## O Sketchbook

Foi então que, analisando sua jornada e seus interesses nosso paladino pode gritar eureka! Tinha achado um subterfúgio a altura: o Sketchbook.

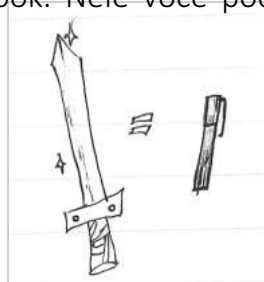


Como a tradução diz sketchbook se trata de um caderno de esboço/ de rascunho, um local mais que apropriado para anotar coisas, desenhar, escrever, calcular... Enfim esboçar

Penso então no Sketchbook sendo o estágio inicial do processo criativo, onde se pode anotar, colecionar, explorar. Ele se torna uma extensão da sua mente. É uma forma de se pensar com a ponta do lápis. Porque como diz o designer gráfico Jason Santa Maria: *Sketchbooks não são apenas para bons artistas, são para bons pensadores.*

Ainda criando analogias entre o sketchbook e o processo criativo, o vejo como uma incubadora. Lá suas ideias e pensamentos ficam adormecidos, fermentando, amadurecendo, desenvolvendo até o momento de iluminação. Aonde você pode revisitar as ideias, fato que pode ajudar na verificação. Se de fato aquilo pode ser considerado a solução. E onde você pode escrever as verificações.

O sketchbook é para mim a ferramenta mais preciosa para o processo criativo. E é por isso que dispo nosso paladino da espada e do escudo e agora em suas mãos encontram-se caneta e sketchbook. Nele você pode confiar como confiaria em um escudo.



## Outras caras, mesma função

O sketchbook pode também se apresentar de outras maneiras, com outros nomes ou funções. Mas em essência se equivalem. Como por exemplo os cadernos de artistas, por exemplo Leonardo da Vinci (figura I), Van Gogh (figura II) e Frida Kahlo (figura III). Também pode ter o nome de “caderno de campo” e ser usado por biólogos e/ou pesquisadores nas suas saídas de campo, usados para se anotar informações importantes bem como possíveis rascunhos. Mas se seu possuidor preferir podem ser feitas colagens sem nenhum problema.

Diários também podem ser considerados sketchbook, claro que não há uma formalidade tão grande nesse último. Você não deve necessariamente escrever nele diariamente contando sobre como foi seu dia. Mas em se considerar que você pode desenhar e anotar pensamentos diariamente em um sketchbook, ele se torna um diário.

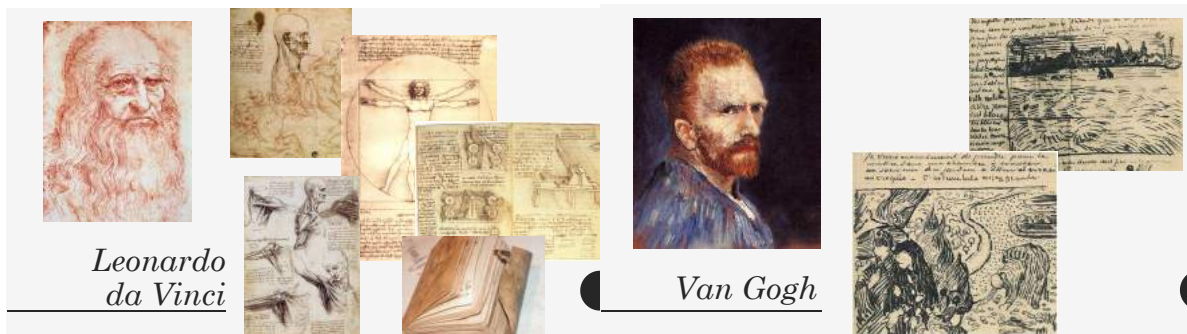


Figura I Anotações de Leonardo da Vinci

Figura II Anotações de Van Gogh

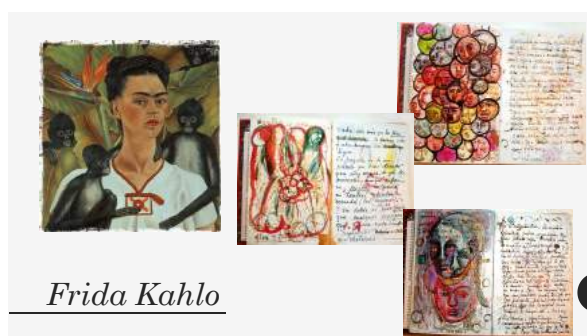


Figura III Anotações de Frida Kahlo

Felix Scheinwerfer um alemão, que estudou e hoje leciona ilustração. Criador de dois livros, o primeiro sobre aquarela e o segundo sobre Sketchbook.

Nesse último Felix desmistifica e explica qual, ou quais as melhores maneiras de explorar seu sketchbook. Citarei agora algumas partes que mais gostei, e que podemos usar para pensar sobre nossa produção criativa.

### **“é algo íntimo e pessoal”**

Seu Sketchbook é só seu, você não deve se preocupar com o que os outros iram pensar de você. Nele você pode desenhar o que quiser, escrever o que quiser, pensar o que quiser. Claro que os outros poderão contemplá-lo, porém isso deve ser feito com o seu aval.

### **“quando desenhamos, estamos repensando a realidade.”**

Ao fotografar um local, alguém ou algum objeto você estará fazendo aquilo de uma forma automática, e em pouquíssimos segundos o resultado estará pronto e você colocará o celular no bolso ou desligará a câmera. Eu mesmo tenho pastas e mais pastas em meu computador com milhares de fotos de viagem e do cotidiano que nunca vejo e talvez nunca as verei.

O que quero dizer é que quando se desenha, você tem que observar, e para isso olhar mais do que 4 segundos para seu modelo, sendo ele uma paisagem, um personagem ou um objeto. E ao desenhá-lo você está colocando o que mais importa pra você, o que aquilo significa, então a escolha do traço pode e revela muita coisa.



**“nesse sentido, o sketchbook se torna uma extensão do nosso olhar e nos permite expandir nosso próprio mundo”**

Como disse anteriormente, quando você desenha olhando para um modelo que está bem na sua frente você repensa o que aquilo é para você. você coloca sua linguagem, você esconde o que acha menos importante ou não gosta, bem como você explicita aquilo que mais gosta ou acha importante.

**“é nele que represento meu mundo e minha vida”**

Nosso sketchbook se torna uma parte de nós, é a extensão de nossos pensamentos, e de nossa mão, é uma forma de pensar com a ponta do lápis (ou caneta, marcador, pincel... a ferramenta que estiver usando)

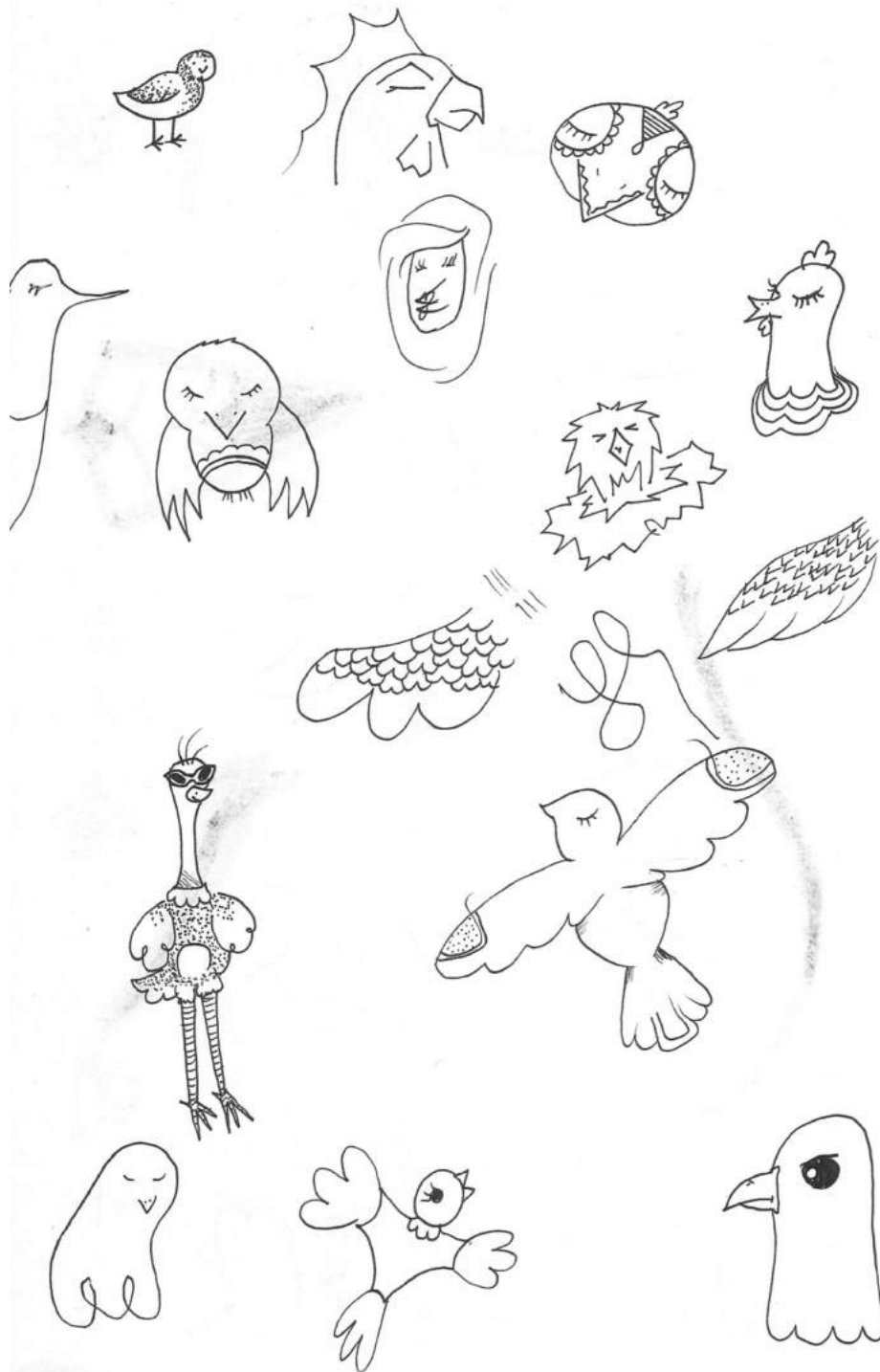
**“E, como sabemos, sem erros, é impossível ir adiante”**

Essa frase para mim é uma das mais incríveis que encontrei no livro. Pois com ela podemos fazer uma analogia com o erro sendo uma porta para a criatividade. Pense comigo, quando não erramos continuamos a fazer aquilo como sempre fizemos, ou como alguém nos ensinou, ou como se tem feito desde sempre. Já quando erramos, precisamos repensar aquilo para não errar mais ou não errar de novo, ou para reparar nosso erro. E é aí que entra a criatividade. Pensando assim a criatividade como uma solucionadora de problemas.

No resto do livro, o professor dá dicas de como usar o sketchbook, fala um pouco sobre materiais e técnicas que podem ser usadas. Mas creio que isso seja algo muito mais instintivo que normatizado e específico.

Como foi dito anteriormente, o sketchbook “é algo íntimo e pessoal” dessa forma só o dono saberá a melhor forma de usá-lo.

Novamente aqui minha jornada universitária se faz presente. Pois foi em uma disciplina intitulada Estudos Direcionados em Design que tive contato ou noção com o sketchbook. Melhor dizendo com a manufatura de um sketchbook, pois contato eu já tinha, mas com os industrializados. A proposta da disciplina era realizarmos a confecção de diferentes tipos de cadernos. Aquela experiência foi incrível para mim. Bem como a professora era incrível. Foi ali que me apaixonei pela feitura de sketchbooks, sempre tive um atrativo grande por processo manuais, e poder costurar papéis para mim foi incrível.



## A façanha da oficina

Depois de muita teoria é chegada a hora da prática.

Na disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas, é necessário que os alunos exercitem a regência. Escolhi então o Colégio Militar Dom Pedro II, Colégio que passei 12 anos da minha vida e no qual me formei. Lá fui acolhido pela professora de artes do ensino fundamental, a Taís.

Porém ao chegar na escola o conteúdo programático da disciplina já havia sido encerrado. Propus então a professora que eu fizesse uma oficina, colocando em prática toda minha pesquisa. A mesma se mostrou empolgada e disposta a ajudar.

Então cabia a mim a elaboração de um plano de aula viável para a façanha da oficina. Me foram disponibilizadas duas aulas, dois horários seguidos. Dessa forma optei por uma parte teórica, em que explicaria o que vinha a ser um sketchbook, suas finalidades e serventia. E outra parte prática. Fazer os alunos porem a “mão na massa” e confeccionarem seus próprios sketchbooks.



## A teoria

Como a escola dispunha de projetores, então fiz uma apresentação em slides. Nela coloquei o significado da palavra (figura IV), exemplos de sketchbooks (figura V), cadernos de artistas (figura VI), cadernos de campo (figura VII) e exemplos cinematográficos do uso do sketchbook (figura VIII). Você pode conferir os slides na íntegra nos anexos.



Figura IV – Slide da apresentação



Figura V – Slide da apresentação

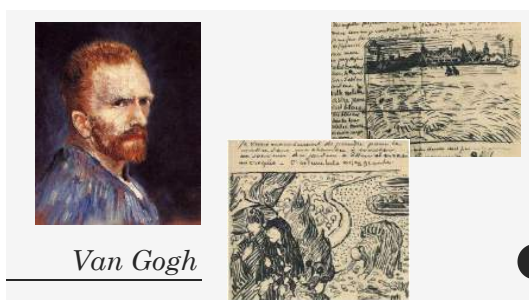


Figura VI – Slide da apresentação



Figura VII – Slide da apresentação



Figura VIII – Slide da apresentação

Escolhi essa estrutura por ser uma maneira descomplicada dos alunos visualizarem e eu me fazer entender. Busquei ser irreverente na apresentação, para que os alunos ficassem mais à vontade, com aquele cara estranho na frente da sala, e assim mais suscetíveis a criatividade.

## A prática

Após toda a teoria convidei os alunos a fazerem seus Sketchbook para uso pessoal.

Escolhi o como método uma costura simples com três furos. Para isso precisei como materiais básicos para a manufatura do sketchbook.

Para uso individual:

- ✓ 1 folha de papel craft tamanho A5
- ✓ 15 folhas de papel sulfite tamanho A5
- ✓ cerca de 20 cm de linha encerada

Para uso coletivo:

- ✓ Tesoura (sem ponta)
- ✓ Agulha (escolhi a agulha de bordado, que por não ter ponta facilitaria o manuseio com segurança)
- ✓ Agulhão
- ✓ Berço de encadernação, ou pedaço grosso de emborrachado



Levei comigo também furadores decorados e lápis de cor para que os alunos pudessem personalizar seus cadernos.

Após dividirmos os materiais, confeccionei juntamente com eles e mostrei todos os passos para a sua confecção.

## Passo a passo:

- I. Alinhar as folhas de sulfite com a de craft
- II. Dobrá-las ao meio
- III. Medir e marcar a altura dos furos
- IV. Com o agulhão no berço (ou emborrachado) furar as marcações
- V. Passar a linha da agulha
- VI. Percorrer os furos com a agulha
- VII. Por fim é só unir as duas pontas com um nó (duplo de preferencia)

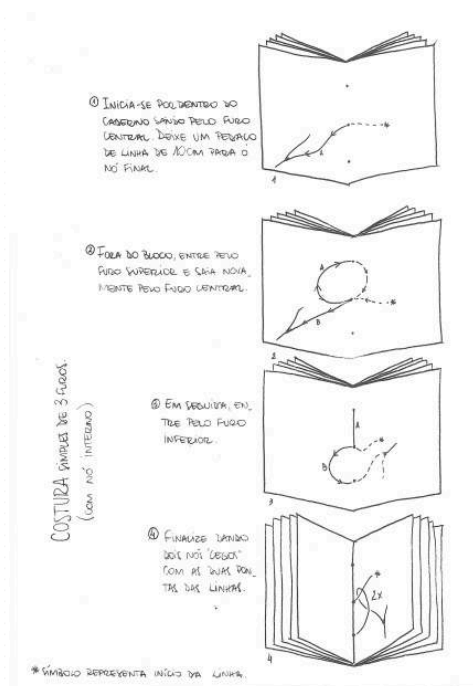


Figura IX Slide com passo a passo ilustrado

Depois disso deixei os livres para começar a criar.

Pronto, a semente estava plantada! E todos os cuidados já haviam sido tomados. Apresentei a eles toda a parte teórica de que precisavam e os possíveis desdobramentos, ou seja, o que eles poderiam fazer. Caberiam a eles depois da prática começar a criar. E então a tão desejada busca pela criatividade se concretizaria, e a partir dali precisaria apenas ser desenvolvida, estimulada.

## Remate do ateliê

Na oficina ocorreu tudo como o esperado, os alunos se animaram, e fizeram tudo como o recomendado. Existiram, porém, aqueles que não fizeram ou não se dedicaram. Sobre isso, falaremos mais para frente. Após a confecção dos sketchbooks foi dado um tempo para que eles estilizassem e personalizassem as capas. Alguns alunos me mostraram os resultados após o encerramento da oficina (figuras X, XI e XII), outros mostraram para a professora, que me encaminhou as fotos (figuras XIII a XV).

Não tive muita oportunidade de analisar mais profundamente os trabalhos produzidos pelos alunos, devido ao curto tempo de estágio, e também do período letivo que estava findando.



Figura X – Capa do sketchbook produzido por um aluno.

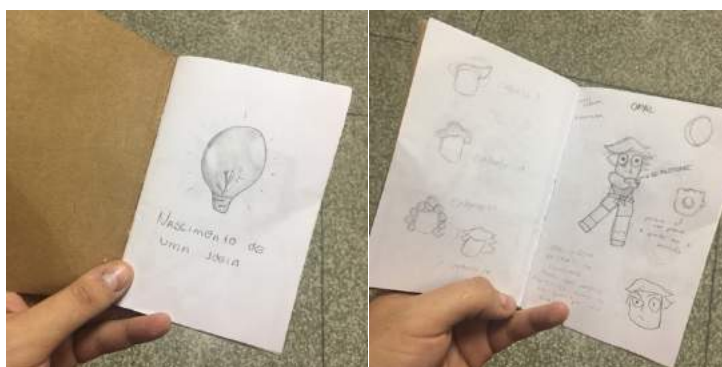


Figura XI e XII – Desenhos produzidos pelo aluno.



Figura XIII – Capa produzida por aluno



Figura XIV – Capa produzida por aluno



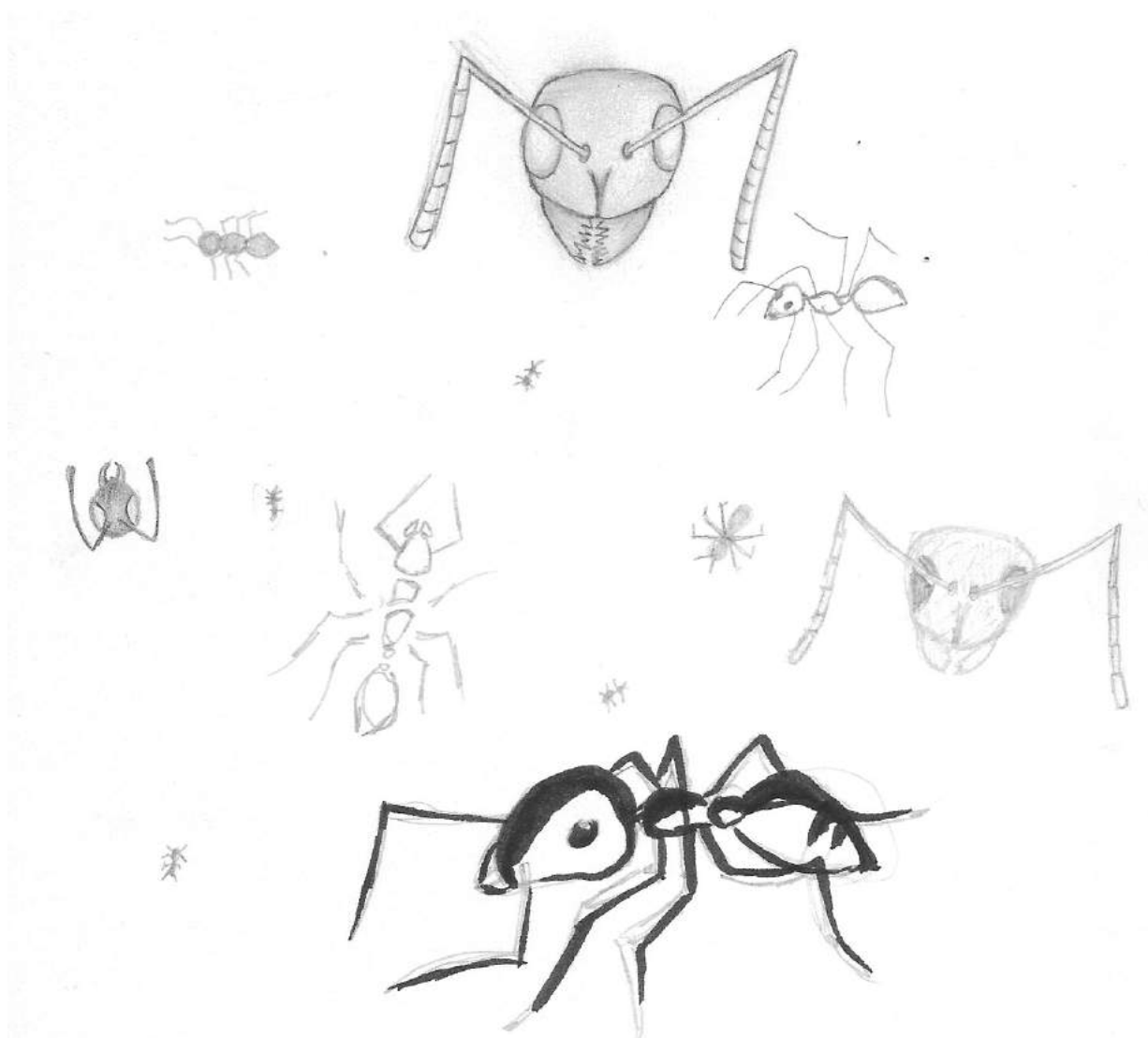
Figura XV – Desenho produzido por aluno



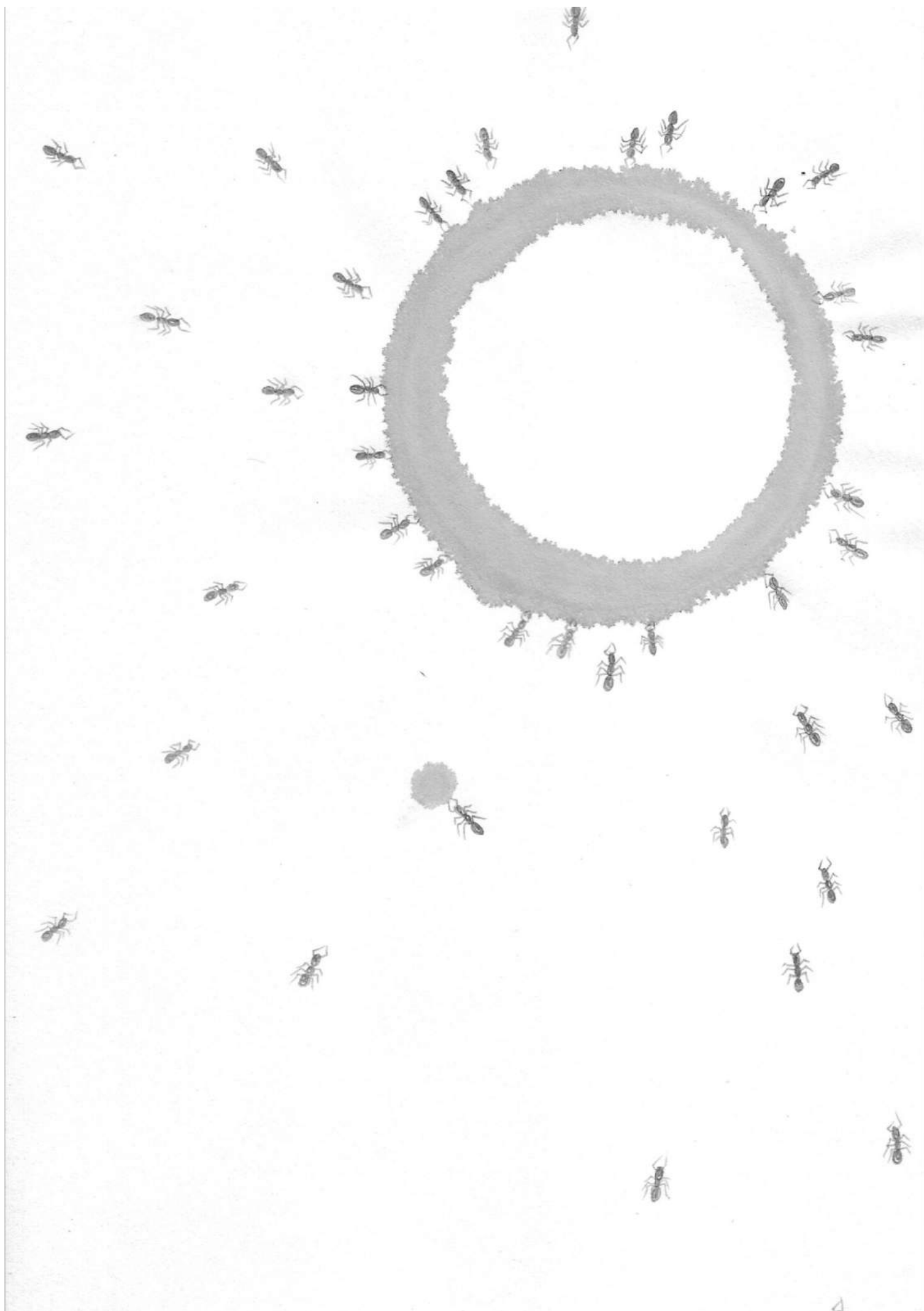
Figura XV – Desenho produzido por aluno

Concluída a oficina, pude constatar que, por mais que o professor esteja preparado, ele não pode prever o cenário que encontrará. Em sala de aula.

A partir daí, pude perceber a importância de estar preparado independente do que vier a frente, tal qual uma guerra iminente...







## A guerra iminente

Desculpe-me pelo título sensacionalista. Mas devido a minha pesquisa achei necessário e de certa forma engraçado, é como se costuma falar “rir para não chorar”. Encarar a situação que muitas vezes podemos encontrar em sala de aula. Se coloque no meu lugar, ou no lugar de um professor novo, ou em uma escola nova. Há ali uma iminência de guerra.

### guerra

*substantivo feminino*

1. luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos.
2. qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito.
3. *p.ext. (da acp. 1)* a arte militar.
4. disputa acirrada; hostilidade.  
"a g. conjugal"
5. luta encarniçada contra qualquer coisa a que se atribua um valor nocivo.  
"g. aos tóxicos"

Se pensarmos guerra como “qualquer combate com ou sem armas”, “conflito”, “hostilidade” tudo isso pode ocorrer, e ocorre em uma sala de aula. Como quando citei os alunos que não fizeram ou não se dedicaram a proposta.

Porém nem tudo está perdido! Cabe a nós, como professores, pensarmos em estratégias, em táticas para tornar o ensino prazeroso e com isso eliminar qualquer iminência possível.

Também é de nossa responsabilidade enquanto professor cuidar do que aqui chamo ser “alunos problemas”. Analisar a raiz da adversidade, e buscar solucioná-la.

A falta de interesse ou de dedicação pode ser uma forma de chamar atenção. O aluno pode estar triste, pode estar com algum conflito familiar, ou simplesmente não ver futuro na atividade proposta. Sugiro que não desista desses alunos, tentando motivá-los em particular, ou criando outras maneiras. Nem tudo está perdido. Como foi o caso da professora Gruwell em escritores da liberdade.

## batalha

substantivo feminino

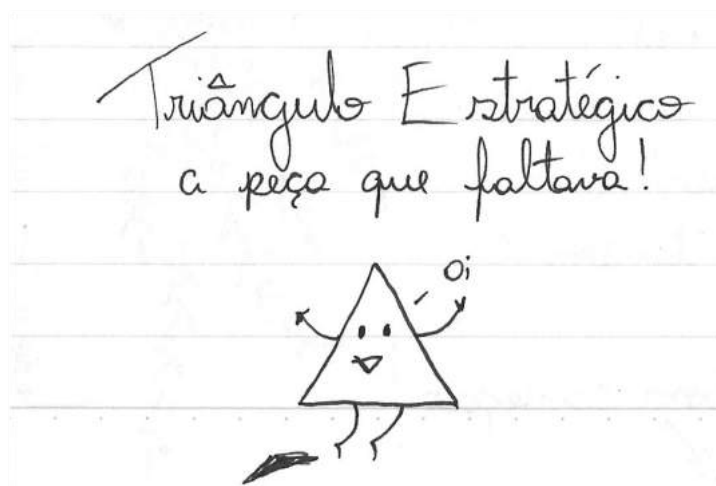
1. *mil* combate entre forças oponentes, em terra, no ar e/ou no mar.
2. troca de golpes; luta, duelo.  
"os gladiadores romanos travavam b. sangrentas"
3. *p.metf.* grande esforço; empenho, luta, peleja.  
"a b. pelo pão"
4. *p.metf.* disputa, discussão acirrada, porém não beligerante, entre duas ou mais pessoas ou grupos.  
"uma b. parlamentar"
5. disputa esportiva, em que prevalece o caráter lúdico; jogo, torneio.  
"a b. entre os times rivais"
6. *angios* árvore ( *Nectandra robusta* ) da fam. das lauráceas, de folhas lanceoladas, flores pequenas e bagas amarelas; canela-batalha, canela-grande, cavalo-de-batalha. [Uma das maiores árvores da fam., ocorre no Brasil (MS, SP e PR); a madeira é uma canela amarelada, de qualidade inferior.].
7. *lud* jogo de baralho para dois parceiros.

Atentando- se ao terceiro item vemos “grande esforço; empenho, luta, peleja” se tomarmos esse como o significado é mais que provável a batalha. Mas novamente é apenas mais um título “engraçadinho”. Mas que nos faz parar para pensar.

Me deparei com todos esses termos em minha pesquisa, fazendo uma enorme tempestade cerebral, manobra que consiste em ir pensando indiscriminadamente em termos que tem conexão ou não.

Bem não estava contente com a proposta que me foi feita de pensar em um método para o uso do sketchbook, pois creio que o termo “método” se refere a algo muito restrito, limitado.

Então encontrei a palavra estratégia, que me pareceu bem mais simpática que seu sinônimo método. Estratégia vem do grego *Strategia*, e sua tradução para o latim é *belli*, que significa guerra. Por isso toda a metáfora anterior.



## O triângulo estratégico

Mas continuando minha pesquisa encontrei o tal triângulo estratégico proposto por Eliezer Arantes da Costa (2007) em seu livro *Gestão Estratégica*.

A formulação das estratégias pode ser bastante facilitada e mais facilmente entendida se considerarmos o que se chama de triângulo estratégico.

Vamos caracterizar, a seguir, os três pontos fundamentais para a formulação das estratégias, que são os vértices do triângulo:

- ✓ O propósito da organização, que é a resposta à pergunta: “o que nós queremos ser?”.
- ✓ O ambiente externo, que é a resposta à pergunta: “o que nos é permitido fazer”
- ✓ A capacitação, que é a resposta à pergunta: “o que nós sabemos fazer?”.

E, no centro do triângulo, estão:

- ✓ As estratégias, que respondem à pergunta: “o que nós vamos fazer?”.

Vislumbrei então que essa estratégia pode ser aplicada no ensino da criatividade. Se respondermos as perguntas dessa forma:

**“O que queremos ser?”**

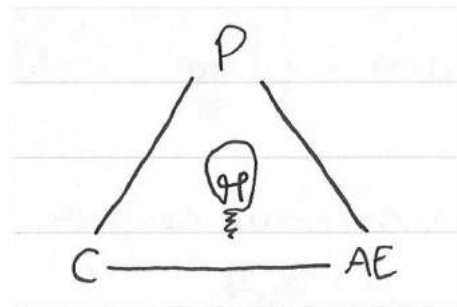
- Criativos

**“O que nos é permitido fazer?”**

- Com o uso do sketchbook, tudo!

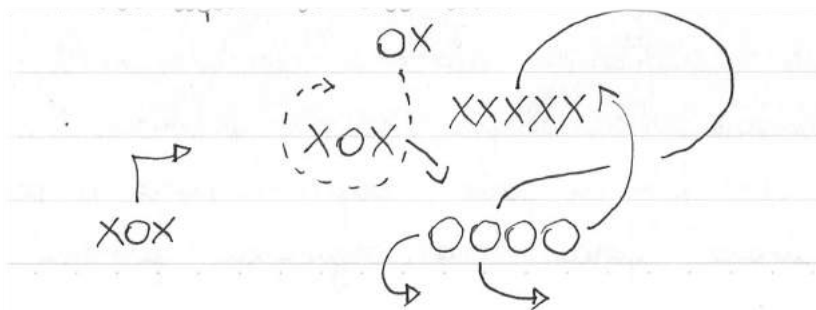
**“O que nos sabemos fazer?”**

- Podemos saber apenas escrever, ou talvez também desenhar. Mas o que não soubermos podemos desenvolver com a ajuda do sketchbook.



E a resposta central **“O que nós vamos fazer?”** Cabe ao professor. O professor deve estimular, instigar seus alunos a usar seus sketchbooks. Pode propor desafios, tarefas, jogos. Com a simples finalidade de fazer seus alunos pensarem. Fazer com que eles pensem de forma divergente.

Eunice Alencar e Denise Fleith em seu livro "Criatividade múltiplas perspectivas" nos mostra exercícios para o exercício da criatividade, e que podem facilmente serem executados em sketchbooks.



São eles por exemplo:

A própria **tempestade cerebral** já aqui citada. O método introduzido por Osborn (1963), consiste em uma tempestade de ideias. Tempestade é uma grande agitação, dessa forma uma grande agitação de ideias. Colocar tudo que vier a mente no papel, e se atente quando digo TUDO. Porque há dois princípios fundamentais na técnica: primeiro não há certo ou errado, toda ideia é válida, por mais estúpida ou insana que essa pareça; segundo quantidade é sinônimo de qualidade, quanto mais ideias você tiver maior a probabilidade delas serem muito, muito boas. Então para se fazer uma tempestade de ideias é simples, tenha um problema ou questão, pense indiscriminadamente em respostas e soluções, logo após é só ponderar e ver as melhores e mais viáveis.

As **combinações forçadas** são outra técnica, bem divertida de se usar. A ideia é criar relação entre duas palavras distintas, quanto maior a diferença melhor. Por exemplo: lápis e estrela, camelo e anel, martelo e mar, cobra e edifício...

É importante ressaltar que nessa técnica, as palavras não estão presas ao seu significado habitual, mas libertas dessa cadeia verbal, promovendo assim, o desenvolvimento da flexibilidade e da originalidade, como diz Alencar e Fleith (2003). Então peça a seus alunos que façam uma lista de palavras, que inclusive pode ser feita com a tempestade de ideias, e depois sorteie duas ou mais palavras para combinar. Isso fará com que cada vez a imaginação deles fique maior, bem como a rapidez com que eles a farão.

Uma outra técnica muito boa para se exercitar no sketchbook, me surgiu em um momento de tédio, fiz **formas com marcador** (figuras XVI e XVII), várias, sem pensar muito.



Figura XVI – formas que produzi



Figura XVII – formas que produzi

Logo em seguida com uma caneta as fui completando e lhes dando vida (figuras XVIII e XIX). Creio que é uma boa técnica para o exercício da imaginação, e da visualidade. Encorajo inclusive a utilizar em conjunto ou duplas, uma pessoa faz a forma e a outra o desenho. Dessa forma você evita criar formas tendenciosas, pensando no desenho. E trabalha com o acaso, com o desconhecido.



Figuras XVIII – Desenhos feitos a partir das formas



Figuras XIX – Desenhos feitos a partir das formas

Você pode experienciar isso agora:



Essas foram técnicas e exercícios que aprendi e posso compartilhar. Mas encorajo que se crie, imagine e adapte outras técnicas e formas de se usar o sketchbook e exercitar a imaginação e criatividade dos alunos.

**O sketchbook é o reflexo do seu criador.** Desta maneira, temos a oportunidade de conhecer e reconhecer o aluno por intermédio de seus traços, de seu sketchbook.

Para encerrar deixo essa reflexão

“A criança é um diamante que, quanto mais cedo for lapidado, mais facetas de luz apresentará.

Da eficiência, destreza e empenho do lapidador depende que se transforme num majestoso brilhante, num caco de vidro, ou permaneça pedra bruta”(Coelho de Oliveira, 2001)







## Referências principais

ALENCAR, E. M. L. S. & FLEITH, D. S. (2009). *Criatividade. Múltiplas perspectivas* (3ª ed.). Brasília: EdUnB, 2003.

COELHO DE OLIVEIRA, L. M. (2001). Educação infantil e instituições: o que é oferecido às crianças de 2 e 3 anos. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FLEITH, D. S. *Talento criativo Expressão em múltiplos contextos* / Angela M.R. Virgolim, organizadora. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NÓVOA, António. A Formação Contínua entre a Pessoa-professor e a Organização-escola. **Inovação**: Revista do Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 63-76, 1991.

PILLAR, Analice Dutra. **Fazendo Artes na Alfabetização**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

PIMENTEL, Lucia G. **Limites em Expansão**: licenciatura em artes visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

RICHTER, Ivone M. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002. P. 85-93.

SILVA, Rita de Cássia da. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, Maria Regina (Org.). *Aprender a ensinar: o caminho nada suave da docência*.

Araraquara: Autores Associados, 2000.

SCHEINBERGER, Felix. Sketchbook sem limites, o companheiro de viagem do urbansketcher. São Paulo, G. Gili, (2017).

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

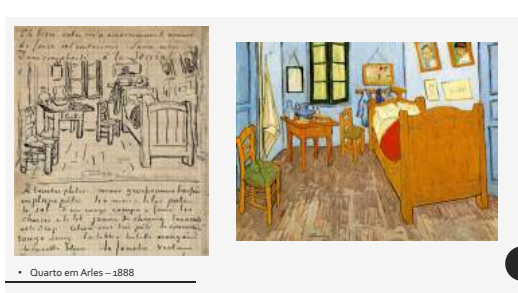
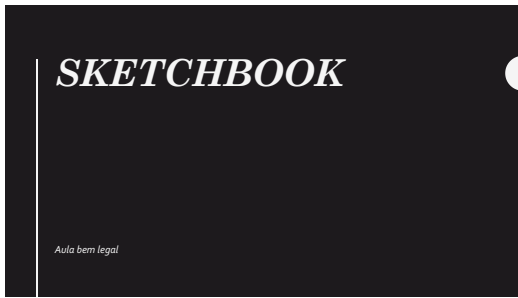
### **Escritores da Liberdade**

2007 · Drama/Filme para adolescentes · 2h 3m

## Referências complementares

Cezar de Almeida e Roger Basseto (eds.) - *Sketchbooks: as páginas desconhecidas do processocriativo* - 2010

Posk Jose Luis Perez Fuentes - *The sketchbook POSK: estudos de desenhos de letras e caligrafia* - 2013



Mas eu não sou artista,  
eu nem sei desenhar

”Caderno de rascunho não são  
apenas para bons artistas, são para  
bons pensadores”

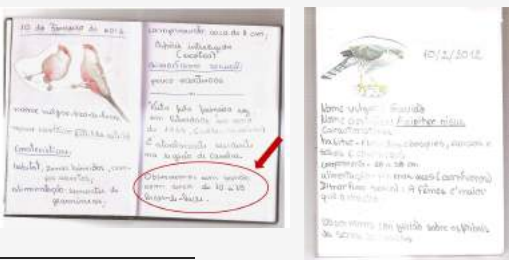
Jason Santa Maria

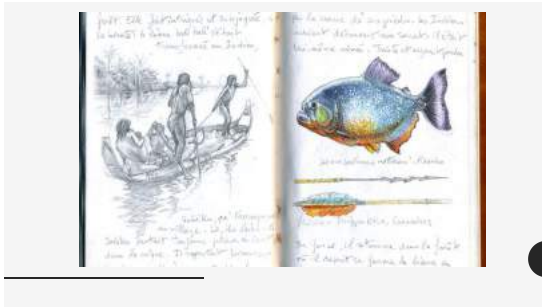


Sketchbook  
de D. Pedro II

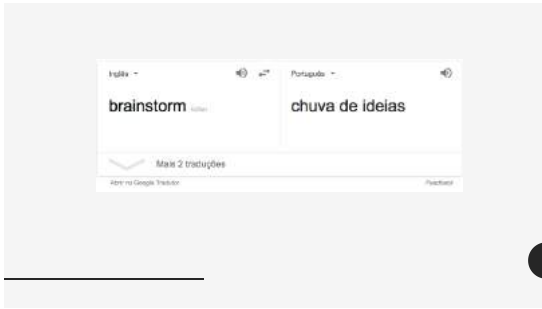


Caderno de  
campo





*Tá Pedro, mas eu não quero usar meu sketchbook pra observar bicho*



*brainstorm*

- **Brainstorming** significa **tempestade cerebral** ou **tempestade de ideias**. É uma expressão inglesa formada pela junção das palavras "brain", que significa cérebro, intelecto e "storm", que significa tempestade.



*Ok Pedro, mas como eu faço um Sketchbook?*

*Você vai precisar de:*

- 1 folha para a capa
- folhas para o miolo [usaremos 15]
- fio encerado
- 1 agulha
- imaginação [opcional]

